



INTERESSES E/OU NECESSIDADES EDUCACIONAIS DOS ALUNOS DAS ESCOLAS NOTURNAS DE ARARANGUÁ/SC

Aline Coêlho dos Santos¹
 Soraia Soares da Luz²
 Paulo Rômulo de Oliveira Frota³

RESUMO:

Visto que a qualidade do ensino noturno nas escolas públicas tem deixado a desejar, e ainda preocupados com o futuro profissional e pessoal dos alunos que frequentam a escola nesse período, essa pesquisa se desenvolveu, procurando encontrar recursos e métodos educacionais que despertassem nos alunos o interesse pela escola, instigando-os para a busca de melhores escolhas para sua vida. A investigação ocorreu através de entrevistas reflexivas com professores e alunos, utilizando questionários com questões abertas. Nossa amostra se ateve a 120 alunos representantes do ensino médio noturno e 20 professores que exercem suas funções nesse mesmo período. Ambos os grupos fizeram muitos apelos para melhoria do ensino e sugeriram temas e métodos de seu interesse, o que contribuiria de forma significativa para o aumento da qualidade de ensino presente hoje nessas escolas.

Palavras-Chave: Educação; Aprendizagem Significativa; Ensino noturno.

INTERESTS AND/OR EDUCATIONAL NEEDS OF STUDENTS SCHOOLS OF NIGHT OF THE CITY ARARANGUÁ/SC - BRAZIL

ABSTRACT:

Since the quality of teaching in public schools night has left to be desired, and still worried about the future of personal and professional students who attend school during this period, this research has developed, seeking to find resources and educational methods that awaken students' interest by the school, encouraging them to search for the best choices for your life. The study was through reflective interviews with teachers and students, using questionnaires with open questions. Our sample stuck to representatives of 120 students and 20 night high school teachers who carry out their functions in the same period. Both groups have made many calls for better education and suggested topics and methods of interest, which would contribute significantly to improving the quality of teaching in these schools present today.

Keywords: Education; Meaningful Learning; Teaching night.

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Ciências Biológicas/UNESC. Bolsista de Iniciação Científica. Endereço eletrônico: aline.cds@live.com

² Acadêmica do curso de licenciatura em Ciências Biológicas/UNESC. Bolsista de Iniciação Científica. Endereço eletrônico: aline.cds@live.com

³ Professor Titular/ UNESC. Doutor em Educação/Ensino de Ciências. Endereço eletrônico: prf@unesc.net



Introdução

Notamos que atualmente tem ocorrido um aumento bastante acentuado na procura de vagas escolares por jovens que querem ou precisam estudar à noite. Nosso conhecimento sobre o caso e ainda pesquisas realizadas nesse contexto (ADRIÃO & GARCIA, 2000); (TOGNI & SOARES), mostram que o ingresso dos adolescentes no mercado de trabalho ocorre cada vez mais cedo, e o ensino noturno passou a ser um aliado na busca do estudo e de uma formação. Mas esse não é o único motivo que está fazendo com que os jovens escolham o período noturno para estudar. Segundo Maria Ornélia (1995), escolas noturnas e jovens:

[...] partimos do princípio de que não é somente a situação de trabalhadores que está provocando a ida dos jovens para a escola noturna. Talvez, mais do que a situação de trabalho, a exclusão através de repetências e o abandono da escola sejam fatores determinantes nessa busca pela escola noturna [...].

O ensino noturno é visto, infelizmente, por muitos dos seus alunos como uma maneira de fácil aprendizagem, pois muitas pessoas (entre elas alunos, professores, pais, comunidade...) o caracteriza como um “período onde a maioria dos alunos trabalha em labores com carga horária diária exaustiva e os professores procuram ‘aliviar’ os conteúdos que precisam ser trabalhados no decorrer do ano, já que esses alunos não teriam a mesma capacidade de acompanhamento que os estudantes que estudam durante o dia e não trabalham em outros horários”.

É evidente que o estresse, o cansaço, o desânimo, o desinteresse, a falta de tempo, entre outros fatores, influenciam de forma negativa no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, então, cabe a nós investigar quais são os interesses e necessidades apresentadas por esses alunos no âmbito escolar, que possam mudar essa realidade atual que define o ensino noturno como um processo de formação fácil e inútil, que apenas garante ao aluno a obtenção de um certificado.

Preocupados com o futuro profissional e pessoal desses alunos, essa pesquisa se desenvolve, procurando encontrar maneiras e métodos educacionais que façam esses alunos criarem melhores expectativas para o futuro, permitindo que eles cresçam pessoalmente, como cidadãos responsáveis cientes de seus direitos e deveres, e que esses encontrem na escola um lugar significativo, que ao saírem sintam vontade de voltar.

Para obter esses resultados é preciso traçar uma caminhada bastante difícil, será preciso realizar inúmeras mudanças que não estão restritas apenas ao âmbito escolar. A ação pedagógica da escola e dos professores em relação aos alunos do ensino noturno é algo que precisa ser repensado, para que se consiga despertar o interesse deles pelo ambiente escolar e pela aprendizagem.

Essa caminhada já se inicia quando começamos a refletir sobre essas problemáticas e quando procuramos traçar soluções imediatas, mas, como mencionamos anteriormente, “é uma caminhada bastante difícil” e os problemas encontrados não precisam apenas de soluções imediatas, mas também duradouras, portanto se faz necessário rever todas as situações que permeiam esse contexto escolar, como metodologia utilizada pelo professor, relacionamento professor/aluno e aluno/professor, situação atual das escolas quanto aos espaços para ocorrência das aulas, e por fim qual a contribuição de todos esses fatores no desenvolvimento íntegro de cada aluno.

Diante dessa problemática, essa pesquisa tem como objetivo principal identificar quais as maiores dificuldades e necessidades encontradas pelos alunos que estudam no período noturno, a fim de diagnosticar os interesses educacionais apresentados por eles, além de refletir sobre as respostas obtidas e traçar algumas “soluções” que venham a contribuir para a melhoria do ensino e desenvolvimento desses alunos.

Essa investigação ocorreu na cidade de Araranguá/SC, entrevistando 120 alunos e 20 professores de todas as escolas que funcionavam no período noturno da cidade, através de entrevistas reflexivas. Para viabilização dessas entrevistas foram utilizados dois questionários, um com nove e outro com 13 questões abertas para professores e alunos, respectivamente, que contemplavam perguntas relacionadas à realidade socioeconômica dos alunos, suas dificuldades de aprendizagem, relacionamento entre alunos e professores e temáticas, recursos e metodologias de ensino de maior interesse dos alunos.

Ambiente Escolar

Quando pensamos em processo de ensino-aprendizagem logo nos remetemos ao ambiente escolar, e nos questionamos se este pode ou não influenciar no processo de desenvolvimento do aluno.

Para a arquiteta especialista em Educação Mayumi Watanabe Lima (1995), a escola é um reflexo do social. Na sua obra *Arquitetura e Educação*, ela compara a escola pública do passado com a de hoje, e afirma que no passado a escola atendia a burguesia, sendo muito valorizada, com ambientes diversificados e bem conservados. Grande importância era atribuída às condições físicas necessárias à educação.

Lima (1995), refletindo sobre essas diferenças, afirma que, ao atender predominantemente a população mais pobre, a “filosofia” da escola pública muda e passa a ser representada por: um conjunto de salas, construídas de forma “rápida e barata”, para atender a demanda social apresentada, ou seja, buscava apenas resolver as questões quantitativas da escola.

Buscando compreender as contribuições do ambiente escolar ao desenvolvimento e aprendizagem, devemos levar em consideração que:

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais. (LIMA, 1995, p. 187).

Notamos com essas reflexões que o ambiente físico é uma variável muito importante para que o aluno obtenha um bom desempenho. Os objetos, os espaços disponíveis para cada atividade, a mobília e as características do meio externo podem funcionar como facilitadores deste processo de aprendizagem, oferecendo mais alternativas para a percepção e criatividade de cada um e ainda promovendo o conforto e bem-estar, para que este se sinta mais familiarizado com o ambiente.

Função Social da Escola

Para que o desenvolvimento do aluno aconteça de maneira satisfatória, a escola precisa buscar maneiras de fazer deste processo educativo algo prazeroso e desafiador. Para Costa [200_, p. 1],

o aluno precisa encontrar motivos para estar na escola e participar de maneira ativa, dinâmica, construindo seu aprendizado, pois uma sociedade só é de fato democrática quando os cidadãos que dela fazem parte são em primeiro lugar alfabetizados, reflexivos, com condições reais de exercerem sua participação e cidadania, conhecedores de seus direitos e deveres.

Costa [200_] ainda destaca o papel da escola nesse processo, quando fala:

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada, desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (COSTA, [200_]).

A escola está completa quando todos de sua equipe estão desenvolvendo suas funções, mas só tem qualidade se essas funções exercidas são satisfatórias e se todos que trabalham nela estão em sintonia, ou melhor, se a política de trabalho adotada pela equipe promove desenvolvimento íntegro da instituição e do aluno. Para Costa [200_], o coordenador, por exemplo, além de seu trabalho técnico e burocrático deve se preocupar em incentivar, reconhecer e elogiar os avanços e conquistas alcançadas no cotidiano da escola e conseqüentemente o desenvolvimento do aluno em todos os âmbitos. Já os professores devem facilitar a aprendizagem do aluno, aguçar seu poder de argumentação, conduzir as aulas de modo questionador, onde o aluno-sujeito ativo estará também exercendo seu papel de sujeito pensante.

A escola, sendo formada por grupos de pessoas que exercem apenas funções individuais e específicas, não obtém um resultado satisfatório, ou seja, não cumpre com sua obrigação funcional, o de favorecer o aprendizado tornando-o significativo. Pois ela precisa ser formada apenas por uma equipe, formada de alunos, professores, coordenação e comunidade, que forme uma “família” e que trabalhe por um mesmo objetivo, o de não separar educação de qualidade. Conforme Libâneo (2005, p. 117):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove para todos o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

Para concluir a função escolar, Costa [200_] ainda afirma que a escola deve oferecer situações que favoreçam o aprendizado, onde haja sede em aprender e também razão, entendimento da importância desse aprendizado no futuro do aluno (...), além de informar e formar seus alunos, desenvolvendo neles potencialidades físicas, cognitivas e afetivas para que se tornem cidadãos cientes de suas responsabilidades na sociedade

Relação Professor/Aluno

Para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça, é necessário que a interação professor/aluno e aluno/professor estejam em sintonia, pois a construção do conhecimento em sala de aula não ocorre individualmente, e sim em conjunto. Sendo assim, o professor deve “abrir portas” para que o aluno entre em contato com o mundo das ciências e logo crie “pontes” que liguem sua sabedoria à dele, expandindo ou construindo um novo conhecimento. Num primeiro momento parece simples, mas para se obter tal resultado o professor precisa adquirir a confiança dos alunos e ser bem aceito. Para isso é necessário que ele conheça seus alunos, não somente dentro do ambiente escolar, mas que tenha conhecimento sobre a vida cotidiana de seus alunos, para melhor compreender suas necessidades, e que seus alunos o conheçam no mesmo sentido, e assim formem uma parceria Professor/Aluno.

Segundo o dicionário Aurélio, podemos definir interação como “ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca”.

Para promover essa interação o professor precisa criar inúmeras estratégias que permitam o envolvimento do aluno e logo um bom desempenho. Para Aquino (1996, p. 149), “uma primeira estratégia do professor, então, centra-se na demanda de participação do aluno, pois só assim ele poderá regular a eficácia da suposta internalização dos parâmetros atitudinais”.

Para que a relação entre os dois indivíduos flua de forma construtiva, o professor deve de certa forma ganhar a confiança e o respeito do seu aluno. Eles estabelecerão relações onde o professor terá a autonomia de repreender seu educando de forma a obter o seu respeito, o que é essencial para a inter-relação professor-aluno.

O êxito profissional muitas vezes não é satisfatório para o educador, pois os seus educandos não se permitem a este tipo de educação. Em alguns casos a orientação que vem de casa já não é adequada, dificultando assim a atuação do professor e ocorrendo os conflitos em sala de aula. Porém, quando a relação professor-aluno é bem concretizada, podemos verificar a fluência das aulas, e das relações interpessoais, obtendo sucesso no aspecto escolar e pessoal.

O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional. (MORALES, 2001, p. 10).

Sendo importante e necessária a continuação do desenvolvimento do aluno, este deverá ter confiança no seu educador, logo o educador deve ter uma conduta que o leve a merecer essa confiança, sendo necessário que ele confie em seus alunos. Acreditamos que neste relacionamento o aprendizado é mútuo, daí o nome “ensino-aprendizagem”, sendo que o professor é o mediador desse processo e junto com o aluno responsável pela construção do conhecimento.

Esse ambiente de segurança, de paz, de confiança, é necessário para aprender a internalizar o que se vai aprendendo [...] Não se pode aprender seriamente num clima de insegurança, tensão, medo, e desconfiança. Talvez se possa ser aprovado na matéria, mas não aprender. (MORALES, 2001, p. 56).

E ainda contribuindo para um bom desenvolvimento, o aluno tem de estar livre para aprender com os seus erros, pois tendo essa capacidade ele compreenderá que os erros nem sempre são prejudiciais, e que alguns são importantes para o crescimento intelectual.

[...] o momento do erro é considerado um fator extremamente importante, pois é o desencadeador do processo de reflexão, revisão das hipóteses e das ações já exercidas; busca de novas formas de agir, de novas informações, de novos caminhos; estímulo a exploração e a experimentação. (KULLOCK, 2002, p. 31).

Sendo assim, concluímos que para um bom desenvolvimento do aluno a interação professor/aluno e aluno/professor deve resumir-se a um bom relacionamento, concretizando o processo de ensino-aprendizagem com sucesso.

Aprendizagem Significativa

A verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno constrói o conhecimento, e esta construção só é possível se a aprendizagem for significativa. Segundo Moreira (2005), a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo

conhecimento e o conhecimento prévio. O conhecimento prévio é, isoladamente, a variável que mais influencia na aprendizagem. Em última análise, só podemos aprender a partir daquilo que já conhecemos.

As práticas utilizadas pelos professores devem promover aos alunos possibilidades de aprendizagem e conhecimento, permitindo que utilizem esse aprendizado e esse conhecimento para a vida, além da sala de aula. Para isso, as metodologias utilizadas, além de atender as necessidades, devem permitir a participação dos alunos, já que eles possuem conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida por conta das experiências.

Na aprendizagem significativa, o aprendiz não é um receptor passivo. Longe disso. Ele deve fazer uso dos significados que já internalizou, de maneira substantiva e não arbitrária, para poder captar os significados dos materiais educativos. Nesse processo, ao mesmo tempo em que está progressivamente diferenciada sua estrutura cognitiva, está também fazendo a reconciliação integradora de modo a identificar semelhanças e diferenças e reorganizar seu conhecimento. Quer dizer, o aprendiz constrói seu conhecimento, produz seu conhecimento. (MOREIRA, 2005, p. 5).

Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento, nem como resultado do simples registro de percepções e informações. Resulta das ações e interações do sujeito com o ambiente onde vive. Todo o conhecimento é uma construção que vai sendo elaborado desde a infância, através de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou cultural.

De fato, para que uma aprendizagem ocorra, ela deve ser significativa, relacionando-se às experiências anteriores e vivências pessoais dos alunos, permitindo a formulação de problemas de algum modo desafiantes que incentivem o aprender mais, o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeando modificações de comportamentos e contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações.

Em resumo, se queremos que os conhecimentos escolares contribuam para a formação do cidadão dentro e fora da sala de aula, que se incorporem como ferramentas, como recursos aos quais os alunos recorram para resolver com êxito diferentes tipos de problemas que possam se deparar no decorrer da vida, e não apenas num determinado momento de uma aula, a aprendizagem deve desenvolver-se num processo amplo de negociação de significados, ou seja, ser significativa.

Resultados e Discussão

- **Entrevista com os alunos**

Os alunos foram entrevistados através de entrevista reflexiva. Conforme Yunes & Szymanski (2005 p. 1) “[...] entrevista reflexiva é um método dinâmico e interativo para obtenção de informações, que apresenta princípios de análise que complementam e subsidiam este tipo de coleta, permitindo que os conceitos emergjam dos próprios dados e não sejam impostos por eles”. Através dessa prática reflexiva propõe-se criar então um espaço de interlocução, de escuta atenta, de reflexão, ação e avaliação do entrevistador para com o entrevistado (nesse caso o aluno).

A idade dos alunos entrevistados variou entre 14 e 19 anos, metade dessa amostra foi composta por meninas e a outra metade composta por meninos. A fim de conhecer a realidade socioeconômica dos alunos, perguntamos-lhes sobre seu cotidiano, se trabalhavam onde e quantas horas por dia, se eram casados, solteiros, se tinham filhos (...). Visto que essa realidade social e econômica apresenta grande interferência, seja ela boa ou ruim, na vida estudantil de adolescentes.

Pesquisas realizadas em 2006, pelo economista Márcio Eduardo Bezerra, nos revelam que crianças e adolescentes que trabalham mais de duas horas por dia apresentam prejuízo no desempenho escolar. Depois disso, a perda de rendimento cresce a cada hora adicional de trabalho. Os estudantes que apenas frequentam a escola aprendem mais quando comparados com os que estudam e trabalham.

Da realidade socioeconômica apresentada pelos alunos podemos relatar que, dos 120 alunos entrevistados, a maioria trabalhava durante o dia, com carga horária diária entre 4h-11h, como podemos verificar na figura 1. Quanto à profissão que exerciam, notamos uma grande variedade nas atividades realizadas pelos alunos, já que eles afirmaram que trabalham com vendas, em oficinas, serralheria, carroceria, mercado, construção civil, aviário, lavoura e com prestações de serviços em geral. Nesse aspecto ainda percebemos que a maioria das profissões citadas, além de possuir uma carga horária extensa, exige muito esforço físico partido dos alunos em questão.

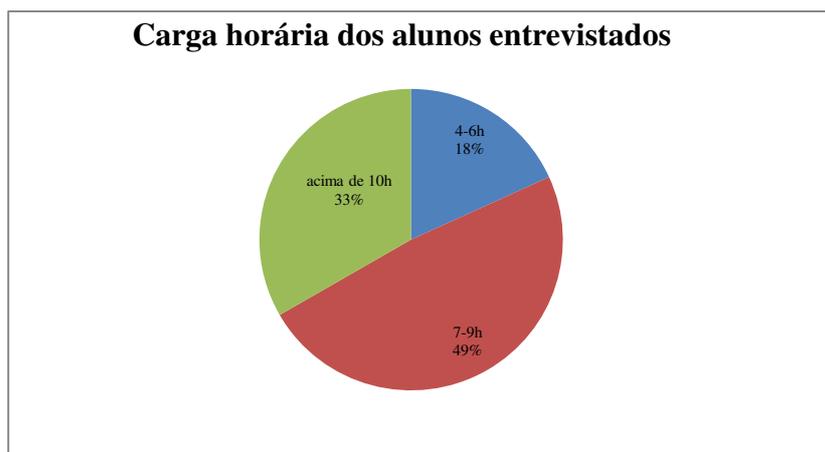


Figura 1: Carga horária de trabalho apresentada pelos alunos entrevistados
 Fonte: Dados coletados pelo pesquisador

Em relação ao estado civil, nossa amostra apresentou 5 alunos que eram casados e somente um possuía filhos, os demais se identificaram como solteiros e sem filhos. Quanto aos questionamentos sobre os espaços físicos da escola mais utilizados pelos professores, obtemos as respostas: laboratório de informática, sala de vídeo, biblioteca, e em grande maioria “sala de aula”.

A relação professor/aluno e aluno/professor também é fundamental para o progresso do desenvolvimento do aluno e para o sucesso do trabalho do professor. Sendo assim, procuramos, através de algumas perguntas, conhecer o relacionamento existente entre os alunos e professores entrevistados. Por fim obtivemos as seguintes informações: a maioria dos entrevistados afirmou que possui uma relação amigável e afetiva, de companheirismo, como podemos perceber na figura 2. E ao definir como o professor se posicionava diante deles, 52% relataram que o professor é amigável e confiável. Podemos verificar outras respostas obtidas na figura 3.

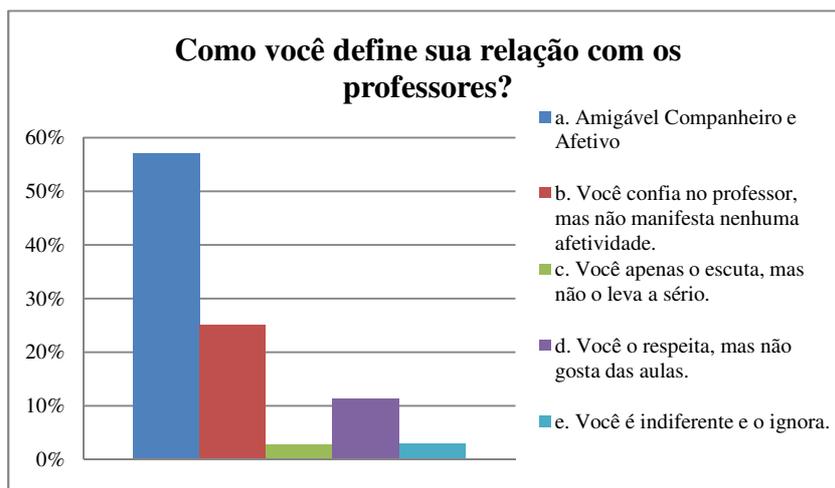


Figura 2: Definição dos alunos quanto a sua relação com os professores
 Fonte: Dados coletados pelo pesquisador

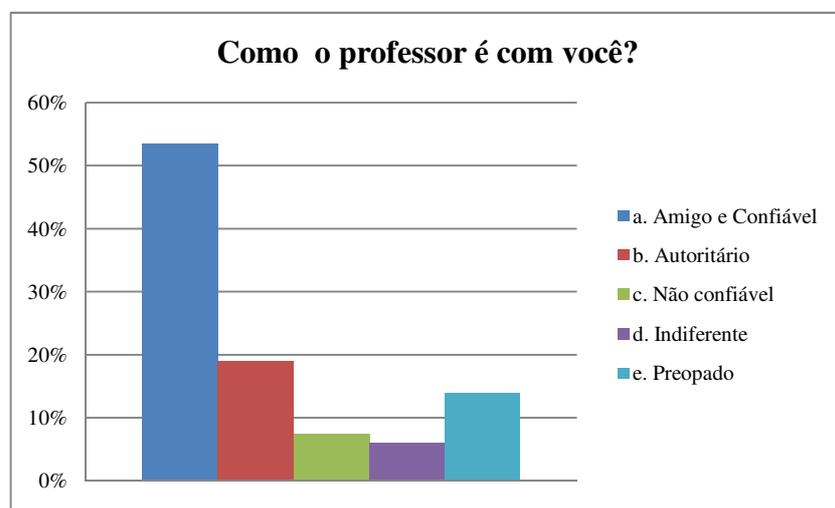


Figura 3: Definição dos alunos quanto ao posicionamento do professor em relação a eles
 Fonte: Dados coletados pelo pesquisador

Quando questionados sobre o tipo de professor que mais gostavam, obtivemos inúmeras respostas, dentre elas se destacaram duas falas que apareceram em quase todas as entrevistas. São elas: “O melhor professor é aquele que se importa com a opinião de seus alunos”; “Aquele que, além da aula em sala, proporciona atividades dinâmicas, que foge um pouco da rotina”. Alguns ainda apontaram que acima de tudo o professor precisa mostrar afetividade e companheirismo em suas aulas, conquistando a confiança do aluno. Quanto às dificuldades em sala de aula apontadas pelos alunos, 76% justificaram que sua dificuldade em sala de aula está relacionada ao cansaço, stress e à falta de tempo para estudar, enquanto que o restante apontou justificativas diferentes como possuir dificuldade de aprendizagem, falta de atenção ou ainda não achar as aulas interessantes.

Em relação ao que eles mais sentem falta no dia-a-dia, 57% dos alunos afirmaram que sentem falta de tempo para realizar atividade como estudar, ler, praticar atividades físicas e para o lazer (ouvir música, assistir filmes, ir ao cinema...). Das temáticas a serem trabalhadas, eles nos forneceram muitas opções, dentre as quais se destacaram Sexualidade, Drogas e consequências e Stress na juventude. Na figura de nº 4 podemos tomar conhecimento dos outros temas citados e ainda verificar a sugestão de cada um.

Quanto à metodologia para se trabalhar essas temáticas, foram sugeridos filmes, jogos, teatros, oficinas, debates, palestras, ou seja, atividades diferentes do que eles estão acostumados a ter. Podemos perceber a veracidade dessas sugestões em um dos relatos dos alunos, quando afirma: "... debates, conversas, filmes... algo diferente, que saia da rotina, para assim aprender de uma forma divertida".

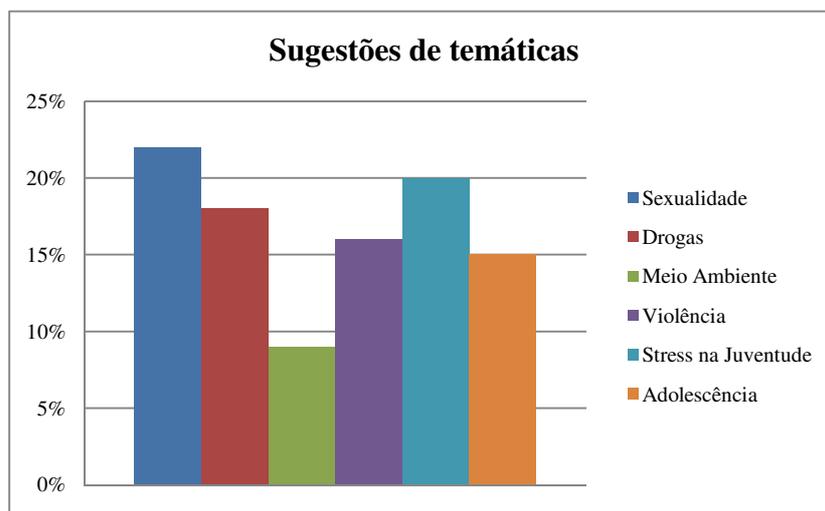


Figura 4 Sugestões de temáticas apontadas pelos alunos entrevistados
 Fonte: Dados coletados pelo pesquisador

- **Entrevista com professores**

Para conhecer mais intimamente as necessidades educacionais dos alunos, 20 professores, das escolas noturnas de Araranguá, nos concederam entrevistas individuais, feitas com auxílio de um questionário, que revelou o desafiante esforço que os professores precisam desempenhar no período noturno para desenvolver um ensino de qualidade.

Com as entrevistas foi possível evidenciar que o ensino tradicional (método expositivo e dialogado que utiliza o quadro negro e livro didático) ainda predomina nas escolas noturnas devido ao grande número de turmas existentes nesse período, à escassez

de recursos e à falta de qualificação por parte de alguns dos entrevistados. As sugestões para melhoria da qualidade de ensino girou em torno de aulas utilizando os recursos tecnológicos, aulas interativas com debates e dramatizações, sobre os mais diversos temas. Segundo eles, os que estão mais incutidos na cabeça e presentes nas conversas dos alunos, portanto, despertando maior interesse, hoje são: gravidez e métodos contraceptivos, AIDS, bebidas alcoólicas, tabagismo e violência sexual.

Em relação à situação socioeconômica apresentada pelos alunos do período noturno, os professores entrevistados afirmam que esta influi diretamente na construção de uma aprendizagem significativa, pois um dos maiores entraves para atingir este objetivo é a falta de interesse, motivação e frequência da maioria dos alunos, em decorrência da longa jornada de trabalho diária desempenhada por eles.

Em uma das entrevistas uma professora de Biologia afirmou que em sua opinião o maior entrave para uma melhor qualidade nesse turno é a falta de perspectiva de muitos alunos. Ela é ciente de que a rotina dos alunos é cansativa, mas mesmo durante a aula relatou que muitos não têm o menor interesse no que é proposto e trabalhado. Além disso, nem cogitam a possibilidade de prosseguir seus estudos, mesmo com muitas opções de ensino superior em nossa cidade, até mesmo, como ressaltado por ela, com a instalação recente de um polo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, os professores foram unânimes em relatar que seu método de aula tenta aproximar o máximo os alunos da realidade cotidiana, para que provoque reflexão e quem sabe até mudanças na vida dos alunos.

Quanto à promoção de eventos culturais e projetos educacionais com a participação dos alunos, notamos que as escolas deixam a desejar, pois os eventos oferecidos muitas vezes não envolvem diretamente os alunos, principalmente os das turmas noturnas.

As entrevistas realizadas com os professores serviram para nos esclarecer sobre a realidade escolar apresentada pelos alunos do período noturno, para conhecermos como ocorre a dinâmica escolar e ainda obtermos sugestões para melhoria da qualidade de ensino que se faz hoje presente nas escolas noturnas.

Considerações Finais

O ensino noturno é considerado nos meios educacionais como um problema, uma fonte de insatisfação que necessita ser sanada. Togni e Soares (2007) afirmam que o sistema de ensino noturno é realmente um problema sem saída, pois com muita frequência é oferecido àqueles que dispõem de menos recursos.

Em nossas visitas e entrevistas feitas nas escolas à noite, evidenciamos que o período noturno é o que enfrenta maiores dificuldades em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Essas dificuldades se dão por conta de diversos fatores, sendo que o mais agravante deles diz respeito às atividades realizadas pelos alunos no período diurno, acarretando em baixa produção em sala de aula e infrequência desses jovens. Dessa forma a aprendizagem significativa desses alunos apresenta-se comprometida.

Uma mudança que traria resultados mais promissores em se tratando de aprendizagem significativa, e que foi muito solicitada pelos alunos nas entrevistas, está relacionada às metodologias de aula adotadas pelos professores em sala. A maior parte dos docentes, de acordo com nossos resultados, adota uma metodologia única, utilizando poucos recursos metodológicos diferenciados, tornando as aulas monótonas e enfadonhas. Segundo Adrião e Garcia (2000, p. 9), as ações desenvolvidas pelos profissionais da educação (isso inclui toda a comunidade escolar) “...devem atender as expectativas declaradas pelos alunos e ao mesmo tempo oferecerem formação profissional e ações que incidem sobre a possibilidade do formando ingressar em curso superior”.

Pensando no interesse dos alunos, em relação a como eles gostariam que fossem construídas as aulas, perguntamos aos entrevistados quais os assuntos que mais despertavam sua curiosidade, seu prazer em aprender e debater sobre, e as respostas foram muito semelhantes, pois a maioria optou por assuntos relacionados a drogas e sexualidade.

Consignado a esse fato, ousamos nos perguntar: qual é o envolvimento do professor nessa escola com os alunos do ensino noturno? Como são as interações que deve ter com eles acerca dos conteúdos a serem estudados? Estará mesmo comprometido com tudo isso? Para tentar responder tais questionamentos, citamos Carvalho (1998, apud Togni e Soares, 2007, p. 71), que diz:

Até que ponto lecionar à noite significa o empenho em trabalhar para a construção da cidadania do aluno, para a explicitação da inter-relação entre o saber produzido na academia e produzido na indústria, na oficina, na loja, na lavoura? É comum, no entanto, pela rotina já estabelecida das salas de aula, que nem o realmente acadêmico chegue até a sala de aula, há o refúgio dos livros didáticos, onde a simplificação atropela a compreensão dos conceitos.

Concordamos que existem diversos fatores além do empenho e metodologias utilizadas pelos professores em sala e que não é possível enxergar os problemas da escola apenas observando ela própria. A situação pela qual as escolas observadas passam, e com certeza muitas outras, faz parte de algo maior, de um processo de banalização do ensino. No entanto, esta mudança é um desafio primeiro do profissional da educação e as autoridades responsáveis pelo ensino no país. A partir de um esforço conjunto, uma proposta de ensino inovadora, com o envolvimento de ambas as partes, é que poderemos esperar dos alunos um maior interesse e empenho nas aulas, resultando no futuro em um ensino de qualidade nas escolas públicas que desenvolvem suas funções também no período noturno.

Contudo, todos os dados obtidos, sejam eles positivos ou negativos, serão válidos para uma melhor reflexão a respeito do ensino que hoje se faz presente nas salas de aula nas escolas noturnas. É importante refletir sobre todos os pontos analisados nas escolas, a disponibilidade de recursos e principalmente as sugestões dos professores, e anseios dos alunos, para enfim culminar no ponto-chave da educação: a aprendizagem significativa por parte dos alunos de uma forma prazerosa e inovadora de ensino.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, T. M. F.; GARCIA, T. O. G.; [Online]. **Ensino Médio Noturno no Estado de São Paulo: evidências de qualidade em escolas públicas**. São Paulo, [2000]. Disponível em: <www.saece.org.ar/docs/congreso2/freitas_deoliveira.doc>. Acesso em 05 de abril de 2011.

AQUINO, Julio Groppa. **Confrontos na sala de aula**. São Paulo, Summus Editorial, 1996

BEZERRA, Márcio Eduardo Garcia [Online]. **O trabalho infantil afeta o desempenho escolar no Brasil?** Dissertação de Mestrado em Ciências. Piracicaba/SP, 2006. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/MarcioBezerra.pdf>>. Acesso em 29 março 2011.

COSTA, V, L, P. [Online] **Função Social da Escola**. [200_]. Disponível em: <http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf>. Acesso em: 03 de

fevereiro de 2010.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

KULLOCK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática-pedagógica**. Maceió, Edufal, 2002

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **Arquitetura e educação**. São Paulo, Studio Nobel, 1995.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**. São Paulo, Edições Loyola, 2001

MOREIRA, M.A. (2005). **Aprendizagem significativa crítica**. Porto Alegre: Instituto de Física da UFRGS.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1971.

SZYMANSKI, H.; YUNES, M. A. M. [Online]. **Entrevista reflexiva & grounded-theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias**. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/284/28439313.pdf>>. Acesso em 29 março 2011.

TOGNI, Ana Cecília; SOARES, Jane Carvalho Soares. [Online]. **A ESCOLA NOTURNA DE ENSINO MÉDIO NO BRASIL**. Revista Iberoamericana para la Educación, la ciência y la cultura. Madrid/ Espana, 2007, p. 61-76. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/800/80004406.pdf>>. Acesso em 04 de abril de 2011

RECEBIDO EM 09 DE JUNHO DE 2011.

APROVADO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2011.